

# Painel sobre o ensino de Radiojornalismo no Brasil

## Luciano V. Barros Maluly

Docente na Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo. Doutor em Ciências da Comunicação pela mesma instituição.

## Suely Maciel

Docente da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da Universidade Estadual Paulista (Unesp). Doutora em Ciências da Comunicação pela USP.

Este trabalho apresenta metodologias e práticas pedagógicas no ensino de rádio e radiojornalismo adotadas por um grupo de professores de algumas universidades públicas e privadas do Brasil, em especial da região Sudeste. Os depoimentos mostram que, mesmo com problemas de infraestrutura, pouca valorização do rádio nos cursos e baixo interesse dos alunos, as diferentes propostas buscam o amplo desenvolvimento do aluno como profissional multimídia, empreendedor, autônomo e responsável, ciente de seu papel na consolidação das mídias sonoras, com produção diversificada, criativa e comprometida com as demandas do público local.

**Palavras-chave:** ensino de Radiojornalismo; jornalismo; mídia sonora; radiojornalismo; rádio multiplataforma; webrádio.

## Panel on the Radio Journalism Teaching in Brazil

The purpose of this study is to present and discuss methodologies and pedagogical practices in the teaching of radio and radio journalism in Brazil, based on the experiences of a well skilled group of professors and researchers from some of the leading public and private universities, mainly located in the southeast of Brazil. The statements show that, despite the usual and well known difficulties in infrastructure, under rating courses of radio programs and indifference of students in such media, there has been a consistent movement to ensure an education that provides the necessary resources for comprehensive development of the students as multimedia, multitasking, enterprising, independent/ autonomous and responsible professionals, aware of his own consolidation role in sound media, a diversified production, creative, ethical and committed to the demands of the audience.

**Key-words:** teaching of radio; sound media; journalism; radio journalism; multiplatform radio, webradio.

## Panel sobre la Radio Periodismo Enseñanza en Brasil

Este artículo presenta las metodologías y prácticas pedagógicas en la enseñanza de la radio y el periodismo de radio de un grupo de profesores e investigadores de algunas de las principales universidades públicas y privadas de Brasil, especialmente el sureste. Las declaraciones muestran que, a pesar de las dificultades de infraestructura conocidos y tradicionales, baja valoración de la radio en los programas de los cursos y la falta de interés de los estudiantes en el centro, las diferentes propuestas buscan asegurar el desarrollo amplio el estudiante como profesional multimedia, multitarea, empresario, autónomo y responsable, conscientes de su papel en la construcción, en los medios de sonido, una producción diversificada, creativa, ética y comprometida con las demandas del público.

**Palabras-clave:** la enseñanza del periodismo de radio; el periodismo; los medios de comunicación de sonido; el periodismo de radio; Radio multiplataforma; webradio.

## Introdução

A produção e a veiculação em multiplataformas, convergência midiática, “rádio 3G”, entre outras tecnologias, cada vez mais se configuram e consolidam uma nova face para os meios que têm o espectro sonoro como baliza. O rádio hipermidiático, se assim se pode dizer, coloca novos desafios e formas de atuação, tanto para os produtores de mensagens quanto para os destinatários destas que, já há algum tempo, desempenham um diferenciado protagonismo nos processos comunicacionais.

Diante desse cenário, impõe-se ao ensino de rádio e, por conseguinte, ao de radiojornalismo uma série de demandas. Entre elas, torna-se fundamental destacar as tradicionais dificuldades encontradas pelos professores, como a concorrência com a variedade sedutora das novas mídias até a necessidade da atualização constante de métodos, estratégias e propostas de ensino. Nesse contexto, o planejamento pedagógico dos cursos de graduação em jornalismo precisar “dar conta” da permanente ameaça de descompasso entre o saber teórico-prático discutido na academia e a evolução sem trégua dos aparatos tecnológicos e dos processos produtivos fora dela. Ao se considerar que o rádio chega a 90% das residências no Brasil e que 84% das pessoas com mais de 13 anos ouvem rádio na União Europeia, sem falar nas 300 mil webrádios, com seus 50 milhões de ciberescutas, formar os novos profissionais para o meio revela-se como um compromisso extremamente desafiador e estimulante.

Foi com base nessa inquietação e visando trocar experiências e propostas que um grupo de professores e pesquisadores de rádio, mídias sonoras e, principalmente, radiojornalismo, além de profissionais do meio, reuniu-se no final de 2012, em São Paulo, no I Simpósio Brasileiro de Radiojornalismo<sup>1</sup>, evento comemorativo dos 90 anos do rádio no Brasil, promovido pelo Grupo de Pesquisa em Jornalismo Popular e Alternativo (Alterjor) da Escola de Comunicação e Artes (ECA) da Universidade de São Paulo (USP). Este artigo propõe-se a apresentar e discutir metodologias e práticas pedagógicas relatadas por esse grupo, o qual representa algumas das principais universidades públicas e privadas brasileiras, em especial da região Sudeste, que concentra mais da metade das escolas de comunicação do país. Por isso, o evento configura um importante panorama que reflete, de certa forma, a realidade da área no Brasil.

---

1. A programação do I Simpósio Brasileiro de Radiojornalismo está disponível em <http://www.eca.usp.br/cje/exibir.php?id=886> Acesso em 15 de junho de 2014.

## Os desafios da formação em radiojornalismo na contemporaneidade

Quais os problemas enfrentados por um professor de radiojornalismo em sala de aula? No ensino superior ou técnico, muitas cobranças passam pelo universo desse educador, ora atento às transformações da tecnologia, ora preocupado com a cidadania. Muitos professores revelam uma base ainda conduzida pelo pensamento europeu do período relacionado ao antes, durante e pós II Guerra Mundial ou da influência da mídia rádio, como o de Bertolt Brecht (Meditsch, 2005, p.35-45) e Walter Benjamin (1986). Esse processo adquire ainda mais atenção quando existe uma preocupação constante com o universo social revelado, pelo processo radiofônico, na América Latina (Lopez Vigil, 2003) e, em particular, no Brasil (Peruzzo, 2005).

No jornalismo, a ideia de construção de uma sociedade democrática é conduzida pela necessidade uma formação cidadã, relacionada ao interesse público (Moraes Júnior, 2011). Nesse processo, está inserida uma base destinada ainda à profissionalização pela e para a técnica, acompanhada da preocupação constante com a tecnologia, seu desenvolvimento e aplicação, como observado agora com as transformações para o digital e, por si, dos debates em torno das inovações tecnológicas. Cabe aqui uma reflexão em torno do que deve ser ensinado em sala de aula e o que está sendo praticado nas emissoras.

Parte-se da premissa de que o ensino do rádio e do radiojornalismo deve ter forte base teórica e passa pela aplicação de exercícios relacionados ao universo profissional, executados em laboratórios, como treinamento, ou para produção de conteúdos a serem veiculados em emissoras ligadas às instituições, como é o caso da Rádio Gazeta AM<sup>2</sup>, ligada à Faculdade Cásper Líbero (Facasper), e da Rádio USP, da Universidade de São Paulo, ambas na capital paulista, em que alunos do curso de comunicação são responsáveis pela produção de alguns programas veiculados periodicamente. O mesmo ocorre na rádio Unesp FM<sup>3</sup>, que integra alunos dos cursos de Radialismo e Jornalismo da Universidade Estadual Paulista (Unesp) no seu corpo de estagiários, bem como mantém, em sua grade de programação, quase duas dezenas de programas e programetes resultantes de projetos de extensão.

Tal universo é reforçado ainda pelo debate em torno do processo de organização, produção e influência das mídias, no qual se destaca o ruído existente entre definição dos conceitos de gêneros e formatos (Barbosa Filho, 2003; Lucht, 2009) e a seleção do conteúdo (Ortriwano, 1985; Piernes, 1990). Aqui também é essencial observar uma discussão sobre a veiculação da mensagem, sobretudo a programação

---

2. O site da Rádio Gazeta AM é <http://www.gazetaam.com> - Acesso em 15 de junho de 2014.

3. O site da Rádio Unesp FM é <http://radio.unesp.br/> - Acesso em 15 de junho de 2014.

e a interatividade (Zucoloto, 2012; Ortriwano, 1998; Maciel, 2009).

Determinar o planejamento de um curso, geralmente em nível superior, que alie produção, estilo e crítica, passa a ser preocupação dominante entre os docentes que buscam despertar nos alunos o olhar para o rádio e contribuir para que eles obtenham uma sólida formação para o exercício do jornalismo no meio.

## **I Simpósio Brasileiro de Radiojornalismo**

O I Simpósio Brasileiro de Radiojornalismo foi realizado no dia 30 de novembro de 2012, na ECA/USP. O evento ocorreu em virtude das comemorações dos 90 Anos do Rádio no Brasil<sup>4</sup> e possibilitou a integração e a troca de experiências entre pesquisadores, profissionais e docentes de radiojornalismo, com o objetivo de estimular os estudos em graduação e pós-graduação, assim como fomentar uma discussão profícua sobre a reestruturação do ensino e da prática de rádio.

Ao longo do dia, as atividades incluíram 23 comunicações científicas, uma conferência sobre rádio de fronteira (proferida pela professora Daniela Ota, da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS)), uma homenagem aos 35 anos da Rádio USP e o I Painel Paulista sobre o Ensino de Radiojornalismo, no qual este artigo se baseia fundamentalmente.

O I Painel Paulista sobre o Ensino do Radiojornalismo objetivou o compartilhamento de experiências de professores e pesquisadores de 16 instituições de ensino superior do estado de São Paulo, além de alguns relatos de iniciativas em emissoras de rádio, tanto comerciais quanto públicas universitárias, como a Rádio Unesp FM, de Bauru (SP), e Bandeirantes, USP FM e Gazeta AM, de São Paulo (SP). Participaram do evento professores e pesquisadores das instituições Universidade de São Paulo (USP), Universidade Estadual Paulista (Unesp), Fundação Cásper Líbero (Facasper), Universidade Santo Amaro (Uniso), Universidade Nove de Julho (Uninove), Universidade São Judas Tadeu (USJT), Faculdades Integradas Alcântara Machado/Faculdade de Artes Alcântara Machado (FIAM/FAAM), Faculdade Belas Artes, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), Fundação Escola do Comércio de São Paulo (Fecap), Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM); Faculdade Rio Branco; Universidade Presbiteriana Mackenzie, Universidade Anhembi Morumbi (UAM), Fundação Armando Álvares Penteado (FAAP), Universidade de Taubaté (Unitau) e Universidade de Araraquara (Uniará).

---

4. A primeira transmissão oficial de rádio no Brasil data de 7 de setembro de 1922, durante as comemorações do Centenário da Independência, no Rio de Janeiro.

## A realidade dos cursos: práticas consolidadas e novos modelos

Os professores, pesquisadores e profissionais reunidos no I Painei Paulista sobre o Ensino de Radiojornalismo<sup>5</sup> representam instituições de escopos variados, de públicas a privadas confessionais e fundações. Apesar disso, três preocupações básicas perpassaram as apresentações e discussões de métodos e propostas de ensino de rádio/radiojornalismo: a) como despertar no aluno o interesse pelo rádio e as demais mídias sonoras, em meio ao fascínio exercido pelos meios digitais e a televisão; b) como garantir uma formação alinhada com as demandas do mercado de comunicação (fortemente marcadas, na atualidade, pelas mudanças tecnológicas) e, ao mesmo tempo, contribuir para o desenvolvimento de novas perspectivas e modelos para a comunicação radiofônica; c) o que e como fazer para formar profissionais éticos, responsáveis e alinhados com a defesa da comunicação cidadã, independente, democrática e comprometida com os mais amplos setores da sociedade.

Nas grades dos cursos, de três a quatro semestres são dedicados ao ensino de rádio/radiojornalismo. Em geral, os conteúdos contemplam, num primeiro momento, a história e os fundamentos da produção para as mídias sonoras (como linguagem, gêneros e formatos), tópicos considerados básicos para a posterior ampliação do conhecimento na área. Eles podem aparecer numa disciplina específica (como “Linguagem e produção textual radiofônica”, “Técnica Redacional: Radiojornal” ou “Introdução ao rádio”) ou serem abordados no início de disciplinas mais gerais, normalmente aquelas em que o estudo se volta para a especificidade da produção jornalística no meio (como “Radiojornalismo”, “Jornalismo de Rádio”, “Produções Especiais” e “Produtos Radiofônicos”). Nesse estágio, apresenta-se ao aluno o aprofundamento da teoria e da prática, com ênfase no exercício concreto de produção e acesso aos laboratórios e estúdios de áudio, além do desenvolvimento de atividades de estágio na emissora de rádio ligada à instituição, quando for o caso.

Nas propostas de ensino, a abordagem está concentrada nos princípios do rádio tradicional, de transmissão e recepção exclusivamente sonoras. Embora os

---

5. Os apresentações no I Painei Paulista sobre o Ensino de Radiojornalismo foram feitas pelos professores e pesquisadores Suely Maciel (Unesp) e Fábio Carmargo Fleury de Oliveira (Rádio Unesp FM); Pedro Serico Vaz Filho (Facasper/ Rádio Gazeta) e Elisa Marconi Bicudo (Facasper); Robson de Sousa (Uninove); Rafael Duarte Oliveira Venâncio e Sérgio Pinheiro da Silva (FIAM/FAAM); Moisés Stefano Barel (USJT/FIAM); Álvaro Bufarah Júnior (Belas Artes/FAAP/Uninove); Elias José Novellino (PUC-SP/ TV Record); Julia Lucia de Oliveira Albano da Silva (Fecap / Unisa) e Marcelo Cardoso (FIAM/FAAM/ Unisa); Patrícia Rangel (ESPM/Rio Branco); Lenize Vilaça e Márcia Detoni (Mackenzie); Luciane do Valle (Uniara); Nivaldo Ferraz (UAM); Luiz Fernando Santoro e Luciano Victor Barros Maluly (USP), além do jornalista André Russo (Rádio Bandeirantes) e da colaboração de Lourival da Cruz Galvão Júnior (Unitau). Também participaram do evento os professores José Eugênio de Oliveira Menezes (Facasper), Taís Vargas (FSP-USP) e Egle Muller Spinelli (UAM), como mediadores, além de Daniela Cristiane Ota (UFMS), como conferencista, e dos representantes da Rádio USP FM, Celso dos Santos Filho, Márcia Avanza, Mário Fanucchi e Silvana Pires.

professores afirmassem que não deixam de chamar a atenção dos estudantes para a nova configuração multimidiática da produção radiofônica na contemporaneidade, não houve, durante o I Painel, o relato de experiências nesse sentido, ou seja, de atividades que instassem os alunos a realizar, por exemplo, produções que conjugassem áudio, vídeo, texto escrito, foto, entre outros, como já se percebe na realidade do mercado profissional.

Raríssimas também foram as discussões em torno do que seria ‘rádio’ e ‘rádiojornalismo’ na conjuntura atual: ainda que os professores tenham ressaltado os desafios quanto às novas demandas por um profissional de múltiplas competências e preparado para atuar num ambiente pluriplataforma, a maioria esmagadora das experiências relatadas concentrou-se nos formatos radiofônicos tradicionais (principalmente reportagens, rádiojornais e documentários) para veiculação analógica ou disponibilização somente do áudio em webrádios ou na forma de podcasts isolados na internet. Uma exceção foi a do programa Universidade 93.7, em que os alunos do Curso de Graduação em Jornalismo da Universidade de São Paulo produzem programas para veiculação na Rádio USP e também fazem cartazes, vídeos e fotos para divulgá-los nas mídias sociais, num trabalho de integração de diferentes códigos e formatos.

Da mesma forma, a nomenclatura das disciplinas citadas traz uma amostra desse quadro de descompasso entre o ‘antigo’ ensino de rádio e as demandas atuais. A única diferença foi de “Audiojornalismo”, forma como os estudos de jornalismo em mídia sonora são designados na Universidade Presbiteriana Mackenzie. Ainda assim, mesmo que o nome insinue uma compreensão ampliada sobre os meios sonoros e mais alinhada com as atuais pesquisas na área, o relato das professoras da disciplina não se diferenciou substancialmente dos demais apresentados quanto a conteúdos e atividades desenvolvidas.

A prática laboratorial (em estúdios de rádio e salas de informática e produção), por sua vez, foi apontada por todos como requisito fundamental para a boa formação do aluno, sempre alinhada aos fundamentos teórico-conceituais. Nesse aspecto, além da produção textual, ganhou destaque a importância do know-how de todo o processo de produção para o meio, incluindo manipulação de softwares de áudio, gravação, edição, locução e sonoplastia. Dessa forma, ainda que o fim precípuo da formação em jornalismo de rádio seja o domínio da coleta de dados – calçada na pesquisa, na entrevista e na observação participante – e da produção textual para os diferentes gêneros e formatos, defendeu-se a elaboração e o controle integral, por parte dos alunos, de todas as etapas da produção de programas, incluindo roteirização, locução, edição, montagem de vinhetas, seleção musical, produção de trilhas, manipulação de efeitos sonoros etc. Praticamente todos os cursos realizam essas atividades de forma mais ou menos completa, dependendo da infraestrutura laboratorial disponível.

Além de promover a competência do futuro profissional para enfrentar um

mercado de trabalho marcado pelo enxugamento de equipes, acúmulo de funções e múltiplas competências, como ressaltou o professor Álvaro Bufarah (Belas Artes/FAAP/Uninove), a prática laboratorial surgiu também como valiosíssima aliada no despertar do interesse dos alunos pelas mídias sonoras. Um levantamento informal feito pelo professor Lourival da Cruz Galvão Júnior (Unitau) junto aos seus alunos do curso de Jornalismo pode ser aqui apresentado a título de amostra: entre os meios preferidos figuram, em primeiro lugar, a internet (32%), seguida da televisão (26%), dos veículos impressos (22%) e, por último, do rádio (20%). Quanto à periodicidade de audiência, 41% disseram ouvir o rádio diariamente, 37% ouvem raramente e 22% ouvem esporadicamente, sendo que a preferência disparada de audição é por música (47%), seguida de notícia (28%), entretenimento (18%) e esportes (5%). Por fim, o levantamento mostra que a baixa audição é ainda mais preocupante quando se trata de jornalismo radiofônico: 76% dos graduandos disseram não ouvir, enquanto apenas 24% se informam pelo meio (Galvão Júnior, 2012).

Embora a sondagem esteja restrita a um grupo específico de alunos, os resultados não se distanciam dos verificados empiricamente no cotidiano das salas de aula, como ratificam os depoimentos. No entanto, é clara também a percepção de que articular a teoria com o trabalho prático muda paulatinamente a percepção dos alunos sobre o meio e a relação com ele passa a ser de forte entusiasmo, quando não de sincera paixão. Neste âmbito, o mesmo levantamento de Galvão Júnior revelou que, quando concluem as disciplinas, 90% dos discentes afirmam querer trabalhar com radiojornalismo depois de formados.

Esse aumento de interesse e conhecimento, por outro lado, não é suficiente para o incremento de novas propostas de produção. De acordo com Pedro Serico Vaz Filho, professor da Facasper e gerente da Rádio Gazeta AM, normalmente os alunos querem reproduzir aquilo que já encontram no mercado e se frustram bastante quando não conseguem realizar tecnicamente o que ouvem na programação, seja por falta de conhecimentos para tanto, seja porque é grande a defasagem dos equipamentos e softwares da maioria dos laboratórios em relação aos das rádios. Além disso, em geral, os estudantes se mostram fechados à inovação e à experimentação temática e/ou de linguagem.

Em relação aos temas, vários docentes ressaltaram a necessidade de estimular no futuro profissional o desconforto com a ‘mesmice’ que comanda a agenda jornalística na atualidade e contribui para a perpetuação de um discurso hegemônico que não atende aos interesses da maioria das populações. É preciso desenvolver “um novo olhar” sobre a realidade, bem como coragem e competência para enfrentar “pautas esquecidas, adormecidas ou abandonadas”, como afirmou Pedro Serico Vaz Filho. Para tanto, conhecimento ampliado, sólida formação ética, política e humanística, humildade e senso crítico são valores que devem ser reafirmados de forma perene entre os alunos. Só assim os jornalistas conseguirão exercer com qualidade e propriedade “o

compromisso de levar a informação para alguém, para que esse alguém decida sua vida”, segundo ressaltou Elias José Novelino (PUC-SP; TV Record). Além disso, reafirmar a atualidade do rádio como veículo ágil, democrático e profundamente alinhado com as novas demandas do jornalismo, apesar dos seus 90 anos de existência no Brasil, é fundamental para sua consolidação entre os futuros profissionais.

Quanto à superação do lugar-comum na exploração da linguagem, Luiz Fernando Santoro (USP) considerou importante a formação e o enriquecimento do repertório do aluno, por meio de atividades de audição de rádios de diferentes estirpes, apresentação de exemplos de áudios e o fomento à produção concreta o quanto antes, como ocorre na disciplina “Radiojornalismo”, na ECA, em que os alunos realizam um programa logo após a primeira quinzena de aulas. Por sua vez, a professora Eliza Biscudo (Facasper) destacou a relevância da aproximação entre Radialismo e Jornalismo, de forma a incrementar neste a qualidade técnica e o apuro sonoro das produções. Ela apontou como essencial também reforçar, junto aos discentes, o papel do som como personagem, como elemento concreto e integrado à narrativa. Tal princípio foi corroborado por Julia Lúcia Oliveira Albano da Silva (Unisa/Fecap), para quem é preciso sensibilizar o aluno a respeito do som e de uma escuta efetiva. Afinal, embora se esteja inegavelmente num contexto de supremacia da imagem e das interfaces de tela, não se deve descuidar da audição e de todos os outros sentidos humanos:

A gente tem toda uma preocupação inicial de seduzir o aluno para uma escuta efetiva. Então, para isso, até segura a ansiedade em relação a como fazer uma notícia e um passo anterior é como escutar rádio, é pensar e se lembrar que, além de seres visuais, nós somos seres que têm outros sentidos, que são nossos tentáculos com o mundo e nos ligam a ele. (...) A gente inicia com uma preocupação muito grande de alertar o aluno e desenvolver nele a percepção de que rádio não é só voz, não é só aquele texto que ele previamente elabora e depois locuta, mas é um mosaico, uma tela de sons composta por outros elementos além da voz, que [o som] é tão personagem quanto os dados na narrativa sobre um fato, nos mais diversos formatos do jornalismo radiofônico. A gente parte do pressuposto de que o rádio é um mosaico de textos sonoros. (Silva, 2012)

Essa compreensão fundamenta produções que utilizam a dramaturgia como parceira ou mesmo exploram as trilhas musicais e os efeitos sonoros de forma mais incisiva na construção das narrativas jornalísticas, como exemplificaram alguns professores sobre trabalhos de seus alunos. É verdade que a referência a esses recursos foi relativamente acanhada, assim como o uso do termo ‘experimentação’, talvez justamente devido ao tabu que cerca o emprego, nos formatos jornalísticos, de outros elementos da linguagem radiofônica que não apenas a palavra. O mesmo aconteceu com os projetos mais abertos à interatividade, praticamente ausentes de todos os relatos. Claro ficou, porém, o esforço das propostas e métodos em estimular novas construções, o que mostra o significativo papel da academia como espaço

de criação e inovação de gêneros, formatos e abordagens temáticas. Nesse sentido, as rádios universitárias foram apontadas como cúmplices essenciais, dado seu caráter educativo e público. Foi ressaltado seu papel como espaço para veiculação de projetos de extensão diferenciados, bem como sua responsabilidade como laboratório e esfera privilegiada de divulgação de uma produção acadêmica ousada, criativa e protagonista de novos rumos para o jornalismo sonoro.

## Considerações Finais

Pensar o ensino de rádio e, por si, de radiojornalismo na conjuntura atual, em que as seguidas mudanças tecnológicas têm reconfigurado incessantemente o mercado de trabalho, os conteúdos produzidos e o público, permanece um desafio cotidiano na agenda dos docentes, pesquisadores e profissionais da área. Num cenário ainda incerto, mas prenhe de possibilidades, a preocupação premente é consolidar o conhecimento teórico da área e auxiliar na construção de novos parâmetros e processos, sem desconsiderar, porém, a tradição e a história do meio e seu papel fundamental no desenvolvimento do jornalismo ágil, cidadão e voltado para os interesses mais amplos da sociedade.

Os depoimentos do I Painel Paulista sobre o Ensino de Radiojornalismo mostram que, a despeito das conhecidas e tradicionais dificuldades de infraestrutura, baixa valorização do meio rádio nos programas dos cursos e o contumaz desinteresse dos estudantes pelo meio (mais grave ainda quando se trata da produção jornalística), verifica-se um movimento incessante de transformações nas propostas de ensino, as quais incluem experimentações quanto às possibilidades estéticas e expressivas no emprego da linguagem própria do meio, abertura à articulação diferenciada de gêneros e formatos, estímulo ao desenvolvimento de novos olhares no processo de produção e um contínuo e profícuo esforço de atualização no acesso e domínio da tecnologia.

Nesse esforço, vale estimular nos alunos o gosto pela audição, incutir neles a sensibilidade para os sons do mundo e despertar sua curiosidade, por meio da pesquisa de arquivos e produção, para a inesgotável variedade de possibilidades de combinação entre música, palavra, efeitos sonoros e silêncio, sempre na máxima medida do que permitirem as salas de aula, os laboratórios e os estúdios de áudio das instituições de ensino. E tudo isso de olho nas demandas do mercado, é claro, mas também buscando superar modelos e padrões cristalizados.

Mesmo que boa parte das iniciativas ainda seja bastante acanhada e, muitas vezes, em descompasso com a velocidade das mudanças no meio, é nítido o esforço em garantir uma formação que ofereça os recursos necessários ao amplo desenvolvimento do aluno como profissional multimídia, multitarefa, empreendedor, autô-

nomo e responsável, ciente de seu papel na consolidação, nas mídias sonoras, de uma produção diversificada, criativa, ética e comprometida com as demandas do público nas esferas local, regional e global.

## Referências

- BARBOSA F., A. **Gêneros radiofônicos: os formatos e os programas em áudio**. São Paulo: Paulinas, 2003.
- BENJAMIN, W. **Documentos de cultura, documentos de barbárie: escritos escolhidos**. São Paulo: Cultrix/Edusp, 1986.
- BRECHT, B. Teorias do Rádio (1927-1932), in Meditsch, E. B. V. (org.). **Teorias do rádio – textos e contextos. Vol. 1**. Florianópolis: Insular, pp.35-45, 1927 - 1932
- GALVÃO Jr., L. C. **A formação em Radiojornalismo na Universidade de Taubaté: um estudo sobre as atividades teórico/práticas e o uso das tecnologias digitais. I Simpósio Brasileiro de Radiojornalismo**. Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, 2012.
- LOPEZ VIGIL, J. I. **Manual urgente para radialistas apaixonados**. São Paulo: Paulinas, 2003.
- LUCHT, J. M. P. **Gêneros Radiojornalísticos – análise da Rádio Eldorado de São Paulo**. (Tese de doutorado). São Paulo, Umesp, 2009. Disponível em [http://ibict.metodista.br/tedeSimplificado/tde\\_busca/arquivo.php?codArquivo=2132](http://ibict.metodista.br/tedeSimplificado/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=2132) (acesso em 25 de junho de 2013).
- MACIEL, S. **A interatividade no discurso de viva-voz na comunicação radiofônica**. (Tese de Doutorado). São Paulo, ECA-USP, 2009. Disponível em [http://www.pos.eca.usp.br/sites/default/files/file/bdt/2009/2009-do-maciel\\_suely.pdf](http://www.pos.eca.usp.br/sites/default/files/file/bdt/2009/2009-do-maciel_suely.pdf) (acesso em 23 de junho de 2013).
- MORAES Jr., E. **O ensino do interesse público na formação de jornalistas: elementos para a construção de uma pedagogia**. (Tese de Doutorado). São Paulo: ECA-USP, 2011. Disponível em <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27153/tde-23092011-185859/pt-br.php>. (acesso em 11 de agosto de 2013).
- ORTRIWANO, G. **A informação no rádio – os grupos de poder e a determinação dos conteúdos**. São Paulo: Summus, 1985.
- \_\_\_\_\_. **Rádio: interatividade entre rosas e espinhos**. Revista Novos Olhares, 1 (2), São Paulo: ECA-USP, 1998 pp.13-30.
- PERUZZO, C. M. K. **Rádios Comunitárias: entre controvérsias, legalidade e repressão, in Anais do Seminário Mapa da Mídia Cidadã**. São Bernardo do Campo, Umesp, 2005. Disponível em [www2.metodista.br/unesco/agora/pmc\\_](http://www2.metodista.br/unesco/agora/pmc_)

forum\_iluminando\_peruzzo.pdf. (acesso em 20 de agosto de 2011).

PIERNES, G. **Comunicação e desintegração na América Latina**. Brasília: Ed. UnB, 1990.

Portela, P. **Rádio na Internet em Portugal: a abertura à participação num meio em mudança**, 2006 (Dissertação de Mestrado). Disponível em <https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/6251/1/pedro%20portela.pdf>. (acesso em 27 de julho de 2011).

SILVA, J. L. O. **A experiência da Fecap e da Unisa no ensino de rádio. I Painel Paulista sobre o Ensino de Radiojornalismo**. São Paulo, ECA/USP, 2012

ZUCOLOTO, V. R. M. **A programação de rádios públicas brasileiras**. Florianópolis: Insular, 2012.

#### LINKS

<http://www.eca.usp.br/cje/exibir.php?id=886>

<http://www.gazetaam.com>

<http://www.rum.pt/>

<http://www.radio.usp.br/>

<http://radio.unesp.br/>